

Indústria da inflação

Os pacotes econômicos estão, sem dúvida, entre os mais nefastos produtos da indústria da inflação, indústria há muitos anos instalada no Brasil e dando resultados que não encontram paralelo no mundo todo — como a taxa anual de mais de 1.200 por cento. Depois do tremendo abalo sofrido com a saída de Paulo Haddad do Ministério da Fazenda, o País voltou sua atenção para um monstruoso programa de estabilização que estaria sendo gerado no ventre da burocracia estatal. O ex-ministro e o governo, este através de nota oficial, se apressaram a desmentir o plano. Segundo Haddad, trata-se apenas de um projeto que já havia sido descartado por seu antecessor.

De qualquer forma, apesar dos desmentidos enfáticos, mais uma vez acendeu-se na sociedade o medo de um novo choque econômico — que seria o sexto num curto período — para complicar a vida dos cidadãos. A desconfiança popular tem uma base bastante sólida: antes de editarem seus fracassados planos de estabilização, os então ministros sempre negaram insistentemente a existência dos choques milagreiros que logo depois deslanchariam. Assim, se os pacotes mágicos são um produto da inflação, pode-se dizer que a boataria e a desconfiança são dois dos seus principais subprodutos.

Olhando a questão num outro sentido, pode-se dizer que, necessariamente, para derrubar a inflação, o governo tem de reconquistar a confiança da sociedade. E isso só vai conseguir quando, entre outras coisas, abrir mão de engendrar pacotes econômicos milagreiros.

Se estava muito claro desde o início deste processo que a inflação, inapelavelmente, solapava todos os setores da economia nacional, não se tinha uma noção precisa de

que outras áreas seriam atingidas a longo prazo. Agora, pode-se dizer com certeza que a persistência de taxas inflacionárias elevadas atinge até mesmo o ânimo dos cidadãos. Pesquisas têm demonstrado que o brasileiro está trocando seu otimismo por um pessimismo crônico. Enredado nas malhas da inflação, há mais de uma década, o País não cresce num ritmo condizente com seu potencial. O pessimismo tem muito a ver com a desconfiança crescente.

Não há no mundo exemplo de nação que tenha convivido, por tanto tempo, com um processo inflacionário tão deletério, como o Brasil dos anos oitenta para cá. Talvez se possa comparar a inflação a uma guerra. Da mesma forma com que alguns se surpreendem pelo modo como a população do Líbano — cidade conhecida antigamente como Paris do Oriente Médio — consegue conviver com uma sangrenta guerra civil que se arrasta há vinte anos, é igualmente espantosa a convivência dos brasileiros com a inflação prolongada. Da mesma forma que os libaneses enfrentam um cotidiano de tiros e explosões, os brasileiros passam a viver um tempo de pacotes, congelamentos, tablitas, indexações. Da mesma forma que os moradores de cidades engolfadas pela guerra atravessam as ruas correndo agachados, para se livrarem dos tiros, os brasileiros recorrem aos fundos, às cadernetas de poupança, aos cartões e à estocagem de alimentos. O Brasil precisa de paz, os brasileiros estão esgotados. Mas a paz só virá com o fim do processo inflacionário. A partir desse momento, cai por terra a maior parte dos problemas que hoje infernizam os brasileiros. Com o fim da inflação, desaparecerão seus produtos e seus subprodutos. O brasileiro só voltará a acreditar num governo quando este derrubar a inflação.